



## O valor d'objeto

Sérgio de Campos<sup>1</sup>  
[sergiodecampos@uol.com.br](mailto:sergiodecampos@uol.com.br)

**Resumo:** No mercado dos sintomas e da fantasia, o objeto ganha um valor de semblante. Qual é o valor de gozo que o sujeito tem para com seu objeto, ao usá-lo? Sob o ângulo da psicanálise, pode-se afirmar que há uma diferença entre o valor natural e permanente do objeto e o valor de libido investido no objeto, de forma que o valor de gozo é conferido pelo sujeito em sua economia. Se o sujeito se depara com o impossível no fim de sua análise, o valor de uso do objeto irá proporcionar um novo valor de gozo, agora não mais para um sujeito da falta, mas para um falasser do gozo.

**Palavras chave:** valor de uso do objeto; gozo; fim de análise; sinthoma.

**Abstract:** In the market of symptoms and fantasies, the object acquires the value of *semblance*. What is the value of *jouissance* that subjects give to their objects when using them? According to psychoanalysis, it may be said that natural and permanent values are distinguished from the values of libido invested in objects by subjects. The value of *jouissance* results from the subject's economy. If a subject faces the impossible in the end of an analysis course, the value of use shall provide a new value of *jouissance* that will fulfill no more a subject of desire but a speech being (*parlêtre*) of *jouissance*.

**Key Words:** object value of use; *jouissance*; end of analysis; *sinthome*.

O homem é fundamentalmente *homo  
oeconomicus*.  
Karl Marx

Como considerar o valor de um objeto no plano da felicidade? Seria possível fazer esse cálculo? Quais seriam os fatores em questão? A economia, pela sua semelhança com o inconsciente, foi incluída no discurso analítico tanto por Freud como por Lacan. Mais precisamente, Lacan no seminário *De um Outro ao outro*, no qual aproxima os conceitos de mais valia e mais de gozo, assinala que o

conceito marxista encarna o vivo do desconhecido<sup>2</sup>. Acrescento que esses elementos, não raro, estão em jogo nos planos da felicidade.

Para Marx, o valor econômico é o valor que tem ou que se supõe ter o objeto. Há dois tipos de valores: o valor de uso e o valor de troca<sup>3</sup>. Atualizando essa classificação para a psicanálise, diremos que existirão apenas os valores de uso e de troca se houver extração do objeto através da separação do sujeito com o Outro. O valor de uso é aquele que o objeto tem para o sujeito. Diversos sujeitos possuidores de objetos semelhantes podem extrair distintas satisfações em circunstâncias e momentos diferentes e, por conseqüência, diversas felicidades possíveis. O valor de uso e o de troca são interdependentes, vicariantes e intercambiáveis, visto que nada teria valor de troca se não houvesse algum valor de uso, ao mesmo tempo em que nada que tenha valor de uso numa economia, mesmo que seja psíquica, deixa de ter algum valor de troca.

Cotejaremos o conceito de valor de uso com o de valor gozo, uma vez que o gozo tem um valor para o sujeito na medida em que ele o coloca em uso. Dizendo de outra maneira, o gozo tem um valor de uso para o sujeito na medida em que ele não declina de fazê-lo, mesmo que esse uso o coloque em risco - não obstante as recomendações médicas, psicológicas ou familiares - como no caso de alguns sintomas que o levam ao pior. Nesse caso, pode-se dizer que o sujeito é feliz, mesmo quando declara sua infelicidade<sup>4</sup>. Assim, podemos indagar: qual é o valor de gozo que o sujeito tem para com seu objeto ao usá-lo? E mais: se esse sujeito fosse a um analista, quanto de seu valor de gozo estaria disposto a transformar em valor de troca, mediante pagamento, pelos efeitos de discursos durante um processo analítico?

Marx vai destacar dois tipos de valores de troca: o valor de mercado e o valor natural. Se por um lado o valor de mercado varia como o sintoma pelo viés metafórico e metonímico – esse valor é provisório e mais susceptível às modificações do contemporâneo, ele oscila de acordo com os investimentos objetivos no mercado do sintoma e da fantasia –, por outro, o valor natural do objeto está no horizonte de uma análise para ser desvelado. O seu valor natural é permanente e conectado ao real que toca o impossível, uma vez que compõe o estilo do falasser que não é ninguém menos do que o UOM que tem um corpo<sup>5</sup>. Aliás, o estilo faz às vezes do nome pai como pai-versão no desfecho de uma análise, no qual, como *sinthoma*, amarrará os três registros RSI.

Lacan ressalta que é necessário supor que no campo do Outro exista um mercado que totaliza os méritos, os valores e assegura a organização das escolhas, das preferências e que se implica para o sujeito como uma estrutura ordinária<sup>6</sup>. Nesse tipo de organização do Outro que denominei de mercado dos sintomas e da fantasia, o objeto ganha um valor de semblante. Assim, Miller ressalta que a troca do gozo pelo saber, saber como preço da renúncia ao gozo, faz com que ele, o gozo, se torne uma mercadoria.<sup>7</sup>

Para compreendê-la, decomponemos a mais valia em duas vertentes. Primeiro Marx assinala que a diferença entre o valor de mercado e o valor natural é consequência da lei da oferta e da demanda. O resultado dessa diferença, Marx denominou de mais valia. Sob o ângulo da psicanálise, pode-se afirmar que há uma diferença entre o valor natural e permanente do objeto e o valor de libido investido no objeto, de forma que o valor de gozo é conferido pelo sujeito em sua economia, diante dos dois tipos de demanda (demanda ao e do Outro).

Depois, Marx demonstra que quando há um equilíbrio entre a oferta e a procura, o valor de mercado coincide com o valor natural. Portanto, se num final de análise houver uma anulação entre a oferta e a demanda devido ao declínio do sujeito suposto saber, o sintoma se reduzirá ao seu osso, desvelando-se em *sinthoma*. Aliás, o nó de Borromeu sustenta apenas o osso de uma análise, ou seja, aquilo que Lacan denominou de *osbjct*<sup>8</sup>.

Se Marx procurava qual é o valor natural de uma mercadoria, era para saber qual seria o valor da força de trabalho para produzi-la. Portanto, Marx considera que o preço do valor da mais valia é uma expressão exata do grau de exploração, do capital ou do capitalista, da força de trabalho do trabalhador. Assim, podemos conjecturar se o mais de gozo não é exatamente a tensão entre a força empregada pelo sintoma como valor de mercado e o osso *sinthomático* como valor natural. Se a mais valia faz o capitalista feliz, a redução da tensão entre o sintoma e o *sinthoma* abre perspectivas de *bon-heur*<sup>9</sup> para o falasser. Esse ponto pode ser aludido à famosa passagem na qual Michelangelo acreditava que suas obras estavam dentro de blocos de mármore e que cabia a ele retirá-las de lá, aos poucos<sup>10</sup>.

Com efeito, Lacan ressalta que o mais de gozo encontrará sua especificidade, cuja função última é a renúncia ao gozo sob efeito de discurso<sup>11</sup>. É paradoxal, mas o sujeito lucra com sua perda de gozo, isto é, através de seu mais de gozo, argumenta Lacan. É apenas dessa maneira que o objeto a encontra o seu lugar. Após o processo analítico, desbastado, circunscrito e limitado de seu valor de troca pelos significantes, restará ao objetossudo apenas o seu valor de uso natural como um mais de gozo específico.

Lacan coloca a felicidade como possível, resultado de um processo de análise, e assinala que existe o feliz acaso

[*bon heur*]. Aliás, "só existe isso: a felicidade do acaso!"<sup>12</sup>, completa. Ainda em *Televisão* ele irá retomar o tema da felicidade ao dizer que o sujeito é feliz, já que ele deve tudo ao acaso, à fortuna, e que o acaso é aquilo que o sustenta.

Com efeito, há uma impossibilidade de que o gozo venha a se declinar de todo. Contudo, se o sujeito se depara com o impossível no fim de sua análise, o valor de uso do objeto irá proporcionar um novo valor de gozo, agora não mais para um sujeito da falta, mas para um falasser do gozo. O gozo se modificará com a perda de sentido, adquirindo um novo valor de uso na medida em que o falasser, através de seu corpo, usufruirá de um Gozo<sup>13</sup> sob nova perspectiva. É nesse novo valor de uso para o Gozo - que Lacan denominou de *sinthoma* - que o falasser encontrará a felicidade. Aliás, pode-se dizer com Marx que é justamente no *sinthoma* que se encarna o vivo do desconhecido e nele o falasser terá a sua [*bon heur*].

Para Marx, é preciso definir como mercado qualquer objeto que seja fruto do trabalho humano. Portanto, esse postulado se aplica ao trabalho psíquico, acrescento. Se por um lado a mais valia é algo que o objeto porta como resultado do trabalho, por outro, no trabalho analítico, poderemos localizar que o Gozo é consequência específica de um real que permite isolar a função do objeto a consonante à supressão do sentido. Ademais, apenas na medida em que o falasser localizar o osbjet em jogo, através do desfalque do sentido, é que ele encontrará o valor de seu *sinthoma* e só assim poderá extrair de seu Gozo uma pequena felicidade luminosa.

A guisa de conclusão, Lacan considerou o *sinthoma* como sendo da ordem de um resto que não tem mais mercado no âmbito do significante, nem valor de troca em moeda de gozo. Todavia, tem um valor de uso na pai-versão que o

falasser pode servir-se dele para além do pai com fins de reorientar o seu a-Gozo. Portanto, no *sinthoma* não há mais mercado para análise, apenas para o depoimento do Passe, uma vez que a experiência de concluir uma análise não serve para mais nada a não ser para ser narrada para que alguns da Escola possam fazer um bom uso dela.

---

<sup>1</sup> Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

<sup>2</sup> Lacan, J. (2006[1968-1969]). *Le Séminaire, livre XVI: d'un Autre à l'autre*. Paris: Éditions du Seuil, p. 18.

<sup>3</sup> Karl M. (1974[1872]). "A mercadoria". In *O Capital*. Coimbra: Centelha.

<sup>4</sup> Miller, J.-A. (2006, outubro). "Conclusões das aulas sobre o Sinthoma". In *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, (46). São Paulo: Edições Eolia, p. 14.

<sup>5</sup> Lacan, J. (2003[1975]). "Joyce, o sintoma". In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 563.

<sup>6</sup> Idem. (2006[1968-1969]). *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>7</sup> Miller, J.-A. (2007, agosto). "Uma leitura do Seminário: de um Outro ao outro". In *Opção Lacaniana*, (49). *Op. cit.*, p. 14.

<sup>8</sup> LACAN, J. (2005[1975-1976]). *Le Séminaire, livre XXIII: Le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, p. 145. Na edição em português, Osbjeto foi traduzido como ossobjeto.

<sup>9</sup> No original Bon (bom ou feliz), heur (acaso). LACAN, J. (2003[1974]). "Televisão". In *Outros escritos*. *Op. cit.*, p. 525.

<sup>10</sup> Landim, C. *Escultura Michelangelo e Rodin*. Recuperado em 11/08 : <http://bibliotecaportaberta.blogspot.com/>.

<sup>11</sup> Lacan, J. (2006[1968-1969]). *Op. cit.*, p. 19.

<sup>12</sup> Idem. (2003[1973]). "Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos". In *Outros escritos*. *Op. cit.*, 553.

<sup>13</sup> Idem. (1985[1972-1973]). *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 121. O Gozo escrito com letra maiúscula diz respeito ao gozo do falasser com o seu *sinthoma*. Esse fato foi comentado por Miller. Miller, J.-A. (2006, outubro). *Op. cit.*, p. 15.